

# A Presença e Ausência do Debate de Gênero na Geografia do Ensino Fundamental e Médio

*The presence and absence of Gender discussion in the Geography studied in elementary and high school*

**Carmem Lúcia Costa**

Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão  
clcgeo@gmail.com

## Resumo

O presente texto é resultado de uma pesquisa realizada nos anos de 2008 e 2009 com bolsa de Prolicen da UFG/Campus Catalão e da experiência como coordenadora do Curso de Extensão Gênero e Diversidade na Escola, realizado em parceria com a Universidade Aberta do Brasil, a Secretaria da Diversidade e a Universidade Federal de Goiás. O objetivo é analisar a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que estabelecem o Gênero como um tema a ser trabalhado de forma transversal nas escolas brasileiras, devendo ser trabalhado por todas as disciplinas. Neste sentido, a pesquisa analisa como a atual situação da mulher é abordada, ou não, pela Geografia e como esta disciplina pode contribuir para o debate com o tema em sala de aula. Neste artigo, apresentamos alguns resultados da pesquisa, principalmente como está posto o debate sobre Gênero no pensamento geográfico e nos livros didáticos de Geografia.

Palavras-chave: Gênero; geografia; movimentos sociais

## Abstract

This text is the result of a survey conducted in 2008 and 2009 with a Prolicen research scholarship from UFG/Campus Catalão and of my experience as coordinator of the Extension Course in Gender and Diversity in the School, in a partnership with the Open University of Brazil, the Diversity Secretariate and the Federal University of Goiás. Its goal is to analyze the proposal of the National Curriculum Guidelines and of the Law of Directives and Bases for Education that establish gender as a theme to be transversely worked in Brazilian's schools, determining that it should be worked by all disciplines. In this sense, this research analyzes how the current situation of women is been addressed, or not, by Geography and how this discipline can contribute to the debate on this subject in the classroom. This article presents some research findings, especially as it is put in the debate on gender and geographical thought in Geography textbooks.

Keywords: Gender; geography; social movements



## **Introdução**

A sociedade urbana, em constante construção, caracteriza-se pela diversidade dos sujeitos que a produzem e pela forma de apropriação privada que exclui, segrega e, neste processo, muitas vezes, as diversidades são transformadas em desigualdades. Este fato pode ser observado a partir das diferentes relações de poder (RAFFESTIN, 1980) que se estabelecem através da apropriação do uso do espaço por homens e mulheres. Neste contexto, os movimentos sociais representam uma forma de luta pela apropriação do espaço, para que as diversidades não sejam transformadas em desigualdades. Produzir outro espaço, outras perspectivas, debater, informar e lutar por direitos dos cidadãos são algumas características dos movimentos sociais atualmente, dentre eles os movimentos que procuram difundir, defender e ampliar os direitos das mulheres.

Diante deste cenário, torna-se fundamental o fortalecimento de movimentos, entidades como a escola, associações, grupos de pesquisa e debates que fomentem a luta pelos direitos das mulheres. A importância do estudo das relações de gênero está na busca de elementos que ajudem a pensar políticas de apropriação do espaço que respeitem as diferenças de gênero, um conceito que, de acordo com Silva (1999, p. 154): “faz referência a todas as diferenças entre homens e mulheres que foram construídas social e culturalmente e que condicionam relações de subordinação/dominação”.

Judith Butler (1990; 2003) argumenta que as relações de gênero têm como papel regular as ações dos sujeitos, colocando-os como homens e mulheres e supervalorizando as relações naturais para explicar situações que são sociais e excluindo o caráter performático do gênero. De acordo com a autora: “a insistência sobre a coerência e unidade da categoria das mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das interseções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das 'mulheres'” (2003, p. 35). Desta forma, as relações de gênero perpassam, também, pelas variações dentro do feminino e do masculino, alcançando as diversidades sexuais.

Colaborando para o entendimento da categoria gênero, Silva (2009, p.84) acrescenta:

Nossas investigações entendem o conceito de gênero como uma representação do ideal dos papéis sociais a serem experienciados por corpos considerados masculinos e femininos em diferentes tempos e espaços. Gênero, portanto, não é uma realidade em si mesma, mas um ideal exercitado

cotidianamente por diferentes tipos de corpos que, ao agirem pautados pela representação, superam a mera reprodução de papéis e recriam continuamente a própria representação de gênero. Assim, gênero é um eterno movimento que se faz na ação humana criativa, e como toda ação implica uma espacialidade, o caráter performático do gênero é simultaneamente espacial e temporal.

Desta forma, entendemos que tratar de relações de gênero é tratar de uma diversidade em construção, em movimento, que rompe com papéis preestabelecidos e demarcados. A sociedade heteronormativa que insiste em reproduzir a sua ideologia encontra cada vez mais fissuras por onde lhe escapa o controle absoluto. Assim como todas as relações sociais, a possibilidade da transformação, da superação, da negação e da emancipação está sempre presente.

A escola é um dos lugares onde estas relações reproduzem-se, onde a diversidade explode, às vezes colocando em confronto os papéis definidos pela heteronormatividade e as práticas corporais de homens, mulheres, homossexuais, transexuais, travestis. Como argumentam Junko e Silva (2009, p. 164): “A escola não é um espaço neutro, destituído dos valores sociais reinantes; pode-se afirmar que, através de seu papel disciplinar, a escola marca com mais evidência as desigualdades de gênero, raça e sexualidade”. Neste sentido, este artigo apresenta algumas considerações sobre uma pesquisa com livros didáticos de Geografia e a reprodução dos padrões estabelecidos de poder nas relações de gênero, com ênfase no papel da mulher neste processo.

O recorte não oculta outros sujeitos que compõem as relações de gênero na escola e nem que este espaço contém a possibilidade da construção de outro discurso e outra prática. Mas entendemos que ao estudarmos como o trabalho da mulher aparece (ou não) nos livros didáticos de Geografia contribuimos para o debate e acumulamos elementos para uma análise mais completa da diversidade no espaço da escola como relações de poder. Historicamente, as relações entre homens e mulheres foram construídas de forma desigual, reforçando a submissão e a violência numa relação de gênero desigual que exclui e segrega.

Muitas foram as lutas contra essa relação desigual no espaço. O movimento feminista da década de 70, por exemplo, permitiu às mulheres conquistas no espaço público como a 'emancipação' econômica que, de acordo com Hirata (*apud* NOQUEIRA: 2004, p.1), trouxe consequências relevantes na divisão sexual do trabalho, tanto no espaço produtivo como no

## A Presença e Ausência do Debate de Gênero na Geografia do Ensino Fundamental e Médio

reprodutivo. No movimento dialético de reprodução das relações, as conquistas dos movimentos sociais são cooptados e reproduzidos dentro da lógica capitalista, num processo de transformação X persistência X deterioração (CARLOS, 2001). Neste movimento, o trabalho que emancipou a mulher, hoje a escraviza, aliena-a; as conquistas no espaço público também não alcançaram a vida cotidiana de muitas mulheres no espaço privado, onde produz a sua mais-valia social, ou seja, o capital apropria-se do trabalho da mulher e explora-o não apenas no espaço produtivo, mas também no reprodutivo. Transformaram-se as relações de poder entre as diversidades, mas ainda persistem práticas desiguais entre homens, mulheres, travestis, homossexuais na apropriação e reprodução do espaço. Um exemplo é o trabalho feminino que é marcado pela deterioração e pela precarização.

Pesquisas realizadas pela Fundação Carlos Chagas, sobre gênero, dão conta que a partir da década de 70 a participação das mulheres no mercado de trabalho tem apresentado uma progressão considerável: em 1970 apenas 18% das mulheres brasileiras trabalhavam fora de casa, em 2002 eram mais de 40%. Outro estudo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2007 mostra que as mulheres hoje representam 51,31% da população brasileira, e que nos últimos 10 anos (1996-2006) o número de mulheres chefes de família cresceu cerca de 80% passando de 10,3 milhões para 18,5 milhões, ou seja, mais de um terço (1/3) dos chefes de família são mulheres que assumem sozinhas a criação dos filhos. Às mulheres dá, ainda, muita dificuldade para encontrar um emprego no mercado formal e quando não é possível, corroboram para o aumento dos índices no mercado informal submetendo-se a condições de trabalho mais precarizadas.

A entrada da mulher no mercado de trabalho, associado a outros fatores, traz consequências para as relações de gênero que se transformaram consideravelmente nos últimos anos, principalmente nos espaços públicos. Mas, nos espaços privados as relações de gênero ainda obedecem à lógica da divisão desigual do trabalho, da violência, da exploração do trabalho doméstico, a exploração sexual. Nogueira (2006) faz uma análise desta situação contraditória de transformações no espaço público e manutenção de práticas arcaicas no espaço privado, revelando uma revolução pela metade.

Tratar de questões de gênero e propor transformações contrapõe-se a atual organização social capitalista, uma organização construída a partir de ideologias e práticas machistas de dominação e exploração da natureza, do espaço, do homem e da mulher. Questões como a violência doméstica,

exploração sexual, aborto, métodos contraceptivos e outros, embora façam parte do cotidiano da sociedade, têm o seu debate e questionamento pouco estimulado, ou conduzido de forma equivocada.

Portanto, analisamos como estão postas as relações entre os sujeitos sociais e como estas se reproduzem, reproduzindo o espaço, visto que este é produto do trabalho de homens, mulheres, gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais ao longo do tempo. O recorte é o livro didático de Geografia e o trabalho com esta temática nesta disciplina no ensino fundamental e médio, ou seja, de que forma o trabalho dos diferentes sujeitos são apresentados (ou não) aos alunos e alunas.

### Gênero e Geografia

Trabalhamos a categoria gênero sob uma abordagem geográfica, considerando que as relações sociais e os movimentos de diferentes opções sexuais que estão se consolidando contribuem para a reprodução da sociedade, para a reprodução do espaço. Até hoje o debate sobre a ação de sujeitos diversos na reprodução do espaço ainda necessita de mais espaço e visibilidade dentro de várias ciências, entre elas a Geografia. De acordo com Silva (2009, p. 26):

A ciência geográfica hegemônica é marcada por privilégios de sexo e de raça, características que dificultam a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, dos não brancos e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante. Durante muito tempo, as existências espaciais destes grupos ou de suas ações concretas não foram consideradas 'adequadas' como objetos de estudo do campo da geografia. A razão de suas ausências no discurso geográfico deve ser entendida pela legitimação naturalizada dos discursos hegemônicos da geografia branca, masculina e heterossexual, que nega essas existências e também impede o questionamento da diversidade de saberes que compõem as sociedades e suas mais variadas espacialidades.

É este o discurso reproduzido nas academias e nas escolas, em obras clássicas e em livros didáticos que continuam reproduzindo a ordem distante de um discurso que nega a realidade. Observamos que durante o processo de formação somos alienados dentro desta perspectiva, que a autora apresenta, e isso impede a construção de uma sociedade que respeita as

Carmem Lúcia Costa

## A Presença e Ausência do Debate de Gênero na Geografia do Ensino Fundamental e Médio

diferenças, uma vez que as omite.

Mas ao mesmo tempo em que é negada na teoria, nos debates acadêmicos e nos materiais didáticos utilizados pelos docentes, a existência material explode e se contrapõe aos padrões estabelecidos, aos espaços heteronormativos. De acordo com Lefebvre (1991) existem fissuras por onde o que não foi cooptado totalmente questiona e nega a ordem estabelecida, a ordem distante que manipula e controla a vida cotidiana. O autor apresenta, por exemplo, o desejo como um dos elementos que não totalmente cooptados, embora haja um forte trabalho na sociedade de consumo para tal. Silva (2009, p. 26) adverte que “Contudo, os grupos subordinados são ativos e exercem um contrapoder à ordem estabelecida”.

Nos últimos anos da década de 1990, as transformações nas relações de gênero e os movimentos sociais de luta pelos direitos das mulheres, gays, travestis, lésbicas e outros suscitaram o debate em várias instâncias da sociedade como a escola, os grupos sociais organizados, sindicatos, entre tantos outros. Surge daí uma necessidade de debates e produções de metodologias para o trabalho com o tema gênero em escolas. É dentro deste contexto que são elaborados os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) que argumentam (MEC/SEF: 1998):

Ao se admitir que a realidade social, por ser constituída de diferentes classes e grupos sociais, é contraditória, plural, polissêmica, e isso implica a presença de diferentes pontos de vista e projetos políticos, será então possível compreender que seus valores e seus limites são também contraditórios. Por outro lado, a visão de que a constituição da sociedade é um processo histórico permanente permite compreender que esses limites são potencialmente transformáveis pela ação social. E aqui é possível pensar sobre a ação política dos educadores. A escola não muda a sociedade, mas pode, partilhando esse projeto com segmentos sociais que assumem os princípios democráticos, articulando se a eles, constituir-se não apenas como espaço de reprodução, mas também como espaço de transformação. (p.23)

Neste sentido, o tema gênero aparece como conteúdo nas escolas e, para o trabalho, o caminho adotado foi o da interdisciplinaridade, conforme os PCNs de 1998 estabelecem, entre outros como o 1º Plano de Metas para a População LGBT e o Plano Nacional de Políticas para Mulheres. Não vamos aqui

entrar no debate da interdisciplinaridade, uma vez que a mesma já está colocada como diretriz, embora reconheçamos as dificuldades do trabalho. A questão que se coloca é a de como a disciplina de Geografia – enquanto ciência parcelar - pode contribuir no trabalho com o tema, formando para a intervenção na realidade, conforme a proposta dos PCNs. O Ministério da Educação (MEC/SEF: 1998) estabelece:

A Geografia tem um tratamento específico como área, pois esta oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos o que diferencia e o que aproxima de outros lugares e, assim adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelece com ele. (s/p.)

A Geografia, enquanto disciplina, tem, então, um papel importante na formação do cidadão consciente do seu papel na produção do espaço, dos seus direitos, nas suas práticas espaciais e sobre as relações entre homens e mulheres. A partir desta proposta nos questionamos: como os professores de Geografia esclarecem, discutem e trabalham com o tema gênero? Como a questão de Gênero está ou não abordada no material didático utilizado pelos professores?

A Geografia, assim como outras ciências sociais, tem na escola o compromisso de contribuir para formar o 'ser humano inteiro', discurso lido em muitos momentos, mas muito difícil de realizar na prática do espaço social denominado 'escola'. A Geografia, como disciplina escolar, tem como meta contribuir para a formação do cidadão e da cidadã que participa dos movimentos promovidos pela sociedade, que conhece o seu papel no interior das várias instituições das quais participa. O professor ou professora precisa deter um conhecimento aprofundado no campo do conhecimento do qual é especialista e estabelecer a interface com as demais disciplinas, no sentido de complementar o conhecimento de determinados temas e objetos de pesquisa. No entanto, mesmo colocado como meta na escola para a formação do cidadão e da cidadã consciente, o trabalho interdisciplinar ainda deixa a desejar.

A integração dos diferentes campos do conhecimento é importante para que o estudante conheça o seu papel na sociedade e no mundo em que vive. Nesse sentido, nos questionamos sobre qual é a contribuição da Geografia para a formação de um

Carmem Lúcia Costa

## A Presença e Ausência do Debate de Gênero na Geografia do Ensino Fundamental e Médio

sujeito que certamente já possui uma capacidade de abstração maior e, portanto, pode realizar generalizações mais elaboradas, tornando-se mais consciente dos problemas e situações de vida a enfrentar. O papel da escola torna-se fundamental porque poderá contribuir com informações e relacionamentos para uma visão mais ampla e profunda do mundo.

Analisamos como a partir das especificidades que são atribuídas a disciplina de Geografia que é ensinada nas escolas, trabalhando questões didáticas, juntamente com o enfoque do tema gênero, pois o intuito é perceber como os alunos e as alunas estão vivenciando e compreendendo as relações sociais presentes no espaço ocupado por homens e mulheres, espaço este que é construído e consumido com maior rapidez e velocidade no mundo globalizado em que hoje nos encontramos.

Em linhas gerais, gênero é uma construção sociológica, político cultural do termo sexo, não é uma variável demográfica, biológica ou natural apenas, mas traz toda uma carga cultural e ideológica. Como declara Beauvoir (*apud* SILVA, 2009, p. 35): “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Nesta acepção está a indicação implícita para a necessidade de referências concretas sobre a identidade masculina e feminina; não se pode compreender o específico da identidade feminina, sua posição na sociedade, a valorização ou desvalorização de seu trabalho, as divisões sexuais de trabalho, o poder, o exercício do erótico se não se compreende o específico da identidade masculina e o comum ao humano, já que homem e mulher são construções de gênero humano.

Conforme aponta Scott (1995), gênero deve ser visto como elemento constitutivo das relações sociais, baseadas em diferenças percebidas entre os sexos, e como sendo um modo básico de significar relações de poder. Como já argumentamos e compartilhando das ideias de Butler, o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser. No entanto, como estas relações são sociais podem ser transformadas com o auxílio de conhecimento e respeito às diversidades.

Embasados na busca da compreensão de como o tema gênero vem sendo trabalhado nas escolas e nos livros didáticos, então, buscamos perceber como estão postas as relações de poder no ambiente escolar hoje, como os alunos reagem diante das questões transversais que os PCNs propõem e como o corpo docente se prepara para esclarecer questões que abrangem a população a partir de ideologias que foram

criadas a partir das diferenças biológicas e que se reproduziram social e culturalmente como desigualdades, ou seja, se apresentam a partir do cunho social, cultural e moral.

Conforme aponta Silva (2003, p. 21),

Não se pode esquecer que para que essa abordagem ocorra, a escola deve dar sua contribuição. Afinal, ela é o espaço que propicia a interação do aluno com o cotidiano. Por isso deve assumir uma posição democrática e participativa para a formação de cidadãos e contribuir para a melhoria da qualidade de vida, além de buscar ampliar a compreensão da sexualidade em sala de aula.

Contudo, podemos afirmar que independente dos problemas, gênero é uma categoria de análise que deve ser estudada do ponto de vista das classes sociais (e não apenas dela, pois existem outras possibilidades de interseccionalidade, como a interseccionalidade entre gênero e etnia, gênero e sexualidade, gênero e idade, etc), onde se deve considerar que estas classes sociais possuem sexo, desta forma faz-se necessário um estudo elaborado sobre as relações de gênero, visto que este contribuirá para a compreensão da realidade social e da transformação da mesma. O debate sobre gênero na sala de aula pode contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária, uma vez que, ao abordar o trabalho masculino e feminino como instrumentos de produção do espaço estes sujeitos podem compreender a importância da contribuição de ambos na vida.

Os PCNs caracterizam a temática gênero da seguinte forma:

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade (MEC/ SEF.1998, p.98).

Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades a ambos. Mesmo

Carmem Lúcia Costa

## A Presença e Ausência do Debate de Gênero na Geografia do Ensino Fundamental e Médio

com a grande transformação dos costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero. Todas as diferenças existentes no comportamento de homens e mulheres refletem-se na vivência da sexualidade de cada um, nos relacionamentos a dois e nas relações humanas em geral (MEC/SEF.1998, p.99).

Partimos da compreensão de que é necessária a construção de novas formas de apropriação do espaço, novas relações com mais respeito às diferenças e um entendimento do papel de homens e mulheres na sociedade, bem como, suas lutas e o seu papel nos movimentos sociais na reprodução do espaço – “os diferentes movimentos sociais ressignificam o espaço e, assim, com novos signos grafam a terra, geografam, reinventando a sociedade” (PORTO-GONÇALVES, 2002, p. 11).

Porém, as dificuldades conceituais e metodológicas que o professor de Geografia enfrenta no processo de ensino-aprendizagem cotidianamente podem ser barreiras na construção do debate em sala, de uma prática transformadora. A prática docente desvinculada de um projeto político, as políticas educacionais estatais, os conteúdos defasados, as rápidas transformações da sociedade atual, as novas tecnologias - nem sempre acessíveis - são elementos que contribuem para um quadro de distanciamento dos conteúdos concebidos e o vivido e percebido pelo aluno. Aliado a tudo isso, a crescente precarização do trabalho docente manifesta em baixos salários, jornadas de trabalho longas e em condições precárias de trabalho, contribuem para compor um cenário de deterioração.

Além disso, tratar das questões de gênero não é uma tarefa fácil no espaço escolar que de acordo com Junckes e Silva (2009, p.150): “é um espaço de vivência da discriminação, preconceito e exclusão de pessoas que não seguem as normas impostas pela heteronormatividade”. A falta de formação dos profissionais, a falta de debate sobre o tema e os conceitos preestabelecidos são alguns dos elementos que contribuem para tal ausência e silêncio com objetivo da manutenção da ordem convencional.

### As Principais Dificuldades no Trabalho com o Tema Gênero em Geografia: O Livro Didático e a Ausência do Tema

A análise parte do livro didático como um dos instrumentos de trabalho do professor, sendo que, em muitos casos, é o único. Temos a clareza que o uso do livro didático é diferenciado e que muitos

profissionais, hoje, sequer o utilizam, mas, em muitas escolas, principalmente as públicas, o uso do livro didático ainda é comum e, muitas vezes, o único instrumento de apoio pedagógico. Neste sentido, escolhemos livros didáticos utilizados nas escolas públicas e analisamos os conteúdos com o objetivo de identificar o trabalho com o tema. As obras analisadas foram as seguintes:

- VESENTINI, J. W. e VLACH, V., **O espaço natural e a ação humana**, Vol.1. Col. Geografia Crítica. São Paulo: Ática, 2004.

- MARINA, L. e TERCIO, R. B., **Geografia do Brasil e do Mundo**. Vol. Único. Col. Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2002.

- ADAS, M. **Geografia – Noções básicas de geografia**. São Paulo: Moderna, 3º ed. Vol. 1, 2003.

Analisamos as obras citadas, buscando, primeiramente, detectar onde e de que forma o tema gênero foi abordado, como as mulheres estão presentes no decorrer da construção dos espaços, seu papel na divisão do trabalho e na produção de riquezas. A primeira conclusão a que chegamos é a da ausência nos conteúdos destes livros do tema gênero; mesmo quando há uma referência ao papel da mulher na produção e no uso do espaço ela é feita de forma superficial, ficando sob a responsabilidade do professor a decisão de aprofundar ou não na temática.

A decisão de trabalhar ou não com a temática fica a cargo do professor e o trabalho deve ser feito com o auxílio de outras bibliografias complementares ao livro didático e que também não são muitas e nem acessíveis nas bibliotecas das escolas públicas. Além disso, a formação do professor de Geografia e o seu comprometimento com a temática deveriam ser possibilitados nos cursos de graduação, no entanto, nas grades curriculares pesquisadas em Goiás, nenhum curso oferece disciplinas que tratem especificamente da questão das relações entre homens e mulheres e do uso diferenciado do espaço por cada um.

Segundo Silva (2003, p. 27): “Há a necessidade de envolvimento coletivo dos professores com as discussões e estratégias de melhoria do ensino de Geografia, bem como o compromisso com um ensino democrático e com uma escola cidadã”. Mas se o professor não possui uma formação que contemple a categoria gênero (uma vez que apenas dois cursos na América Latina possuem disciplinas relacionando Geografia e Gênero – um na Argentina e outro no estado do Paraná no Brasil) e, dificilmente ele dedicará

Carmem Lúcia Costa

## A Presença e Ausência do Debate de Gênero na Geografia do Ensino Fundamental e Médio

espaço de sua aula a este debate, até mesmo porque o livro didático não acena esta possibilidade.

É preciso considerar que o espaço geográfico é a herança da história das sociedades humanas, formadas por homens e mulheres, de sua economia e de sua cultura, portanto, qualquer espaço geográfico construído em alguma parte da superfície terrestre tem historicidade. Santos (1985, p. 49) afirma: “o espaço é resultado da produção, uma decorrência de sua história - mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade”.

Na escola, os alunos deveriam aprender a dialogar com o espaço geográfico para compreender como os diferentes elementos desse espaço se relacionam. Nesse diálogo, formulariam questões e tentariam dar respostas, discutindo com o professor e os colegas suas ideias, suas experiências e suas reflexões, compartilhadas e filtradas nos debates que se estabelecem em uma aula de Geografia.

Procuramos perceber até que ponto os conteúdos de Geografia podem proporcionar ao aluno informações sobre produção do espaço e o papel do homem e da mulher neste processo, trabalhando a diversidade e o respeito às diferenças. A partir de análise de diferentes posicionamentos podem-se ampliar as informações sobre os mesmos para que os alunos formem sua própria crítica embasada pelos conhecimentos da Geografia, considerando-os na pluralidade de relações que se apresentam. Desta forma, é necessário que o professor, junto com os seus alunos, observe e reflita sobre o espaço vivido e descubra as representações que os indivíduos inseridos nos diferentes grupos sociais têm sobre o espaço da vida.

Na análise das obras podemos perceber que os livros didáticos não abordam o tema gênero de forma clara e direta, apenas em alguns momentos há alguns comentários sobre a situação da mulher no Brasil e no Mundo, porém de forma muito superficial. Quando aparece o tema, observamos que ainda é tratado de forma secundária, não enfatizando os elementos necessários à transformação da atual sociedade que ainda explora de forma violenta as mulheres.

### Conclusão

A partir do levantamento bibliográfico, podemos concluir que é necessária uma releitura do papel da mulher ao longo da História para melhor compreendermos como as relações de poder se estabeleceram sobre a diferença reproduzida como desigualdade. Andrade (1993, p. 62) afirma que é necessária uma revisão do ensino de Geografia que atualmente é ministrado na escola, para isso propõe que “alem dos livros didáticos que são utilizados, faz-

se necessário uma intensificação das pesquisas em livros auxiliares, jornais e revistas, assim como a atualização dos professores”. O livro didático é um instrumento de reprodução do discurso heteronormativo e de separação cultural da civilização mundial, o que atende um projeto de reprodução da alienação e da segregação.

Outra consideração que é feita ao ensino de Geografia refere-se à qualidade do processo no qual o professor se insere, pois uma boa aula de Geografia depende também do desempenho do professor, às vezes mais do que da qualidade do livro utilizado. De acordo com Andrade (1993, p. 57):

O livro didático não deve ser encarado de forma exclusiva, ele necessita de uma complementação tanto de material escolar - mapas, atlas, tabelas, fotografias, diagramas etc. - como de material não escolar, informações de revistas e de jornais, sobretudo.

Com estas considerações, podemos concluir que é necessário que a escola proporcione este espaço de interação entre alunos, professores, pais e pessoas da comunidade, para que todos possam ter acesso a momentos com objetivo de informar sobre meio ambiente, drogas, doenças transmitidas por vírus, entre outras, saúde, sexo, DSTs, AIDS, gravidez precoce; problemas como direitos humanos devem ser colocadas em debate dando ênfase as formas como a violência esta presente na sociedade, seja ela, moral, psicológica, física, que as mulheres sejam informadas sobre seus direitos, e que estes sejam respeitados, que sejam cumpridas as leis contra a violência doméstica, que estas denunciem os agressores, para que a luta empenhada não seja apenas de algumas mulheres, mas de toda a comunidade, pois quantos filhos não presenciam e convivem com a violência dentro de casa e podem denunciar? Ou simplesmente estes irão repassar para seus filhos a violência com a qual convivem todos os dias?

São questões que merecem respostas, mas sabemos que a mudança não ocorre da noite para o dia mais, se não ampliarmos as informações que muitos ainda não têm acesso, os educadores como a escola e a educação não estarão cumprindo seu papel fundamental que é o de possibilitar a formação consciente do educando.

Podemos concluir que os livros didáticos não disponibilizam informações que contribuem para tal e que, muitas vezes, os professores e as professoras devem buscar informações em outros materiais; faltam informações claras e objetivas divulgadas na mídia, as quais são repassadas aos alunos; pudemos constatar

Carmem Lúcia Costa

## A Presença e Ausência do Debate de Gênero na Geografia do Ensino Fundamental e Médio

também que muitas vezes os professores repassam de forma indireta as ideias machistas que são impostas culturalmente em nossa sociedade.

Assim, uma conclusão a que chegamos é a da ausência do tema gênero nos conteúdos dos livros que analisamos, coadunando com o trabalho de Silva (2003) em que a autora realizou também levantamentos nesta perspectiva. Este fato reforça a necessidade de pesquisas e elaboração de materiais didáticos sobre o tema gênero no ensino fundamental e médio.

Por fim, esta pesquisa teve como um dos objetivos contribuir para mudar esta realidade através da proposta de diálogos, debates e de uma reforma educacional, neste modelo de ensino e aprendizagem de Geografia. O debate está posto, cabe a nós estudar, impor e buscar respostas para as diversas questões que surgem neste caminho rumos ao esclarecimento e do conhecimento que possibilitará uma nova visão da sociedade.

### Referências

- ADAS, Melhem. **Geografia – Noções básicas de geografia**. São Paulo: Moderna, 3º ed. v. 1, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Geografia – O Brasil e suas regiões Geoconômicas**. São Paulo: Moderna, 3º ed. v. 2, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Geografia – Quadro político econômico no mundo atual**. São Paulo: Moderna, 3ª ed. Ver. v. IV, 1996.
- AMARAL, Ana Flávia do. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática**. 2007. Tese de Doutorado (Psicologia) Universidade de Brasília.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Caminhos e descaminhos da Geografia**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1993.
- BOAVENTURA, Analice Costa; COSTA, Carmem Lúcia. "Gênero: contribuições da geografia para o estudo em sala de aula". In: CONGRESSO DE PESQUISA ENSINO E EXTENSÃO, 2007, Goiânia. Anais... Goiânia: PROLICEN, 2007. p. s/p.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, **Estudos em avaliação educacional. Trabalhos direta ou indiretamente relacionados com a questão da avaliação educacional**. Disponível em: <www.fcc.org.br> acesso em 09 de julho de 2011.
- GONÇALVES, Carlos Walter. "A Geograficidade do Social: uma contribuição para o debate metodológico para os estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina". In: ANAIS DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL CONFLICTO SOCIAL, MILITARIZACIÓN Y DEMOCRACIA EM AMÉRICA LATINA. Buenos Aires, 2002. Anais... Buenos Aires, 2002. p. s/p.
- JUNCKES, Ivan Jairo; SILVA, Joseli Maria. Espaço Escolar e diversidade sexual: um desafio às políticas educacionais no Brasil. **Revista de Didáticas Específicas**. N1, p. 1448-166. Disponível em <www.didaticasespecificas.com/files/download/1/articulos/Joseli\_Yvan.pdf> acesso em 17 de junho de 2011.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **O trabalho duplicado: a divisão sexual no trabalho e na reprodução – um estudo das trabalhadoras do telemarketing**. São Paulo: Expressão popular, 2006.
- \_\_\_\_\_. A feminização do mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. **Participação – Boletim do bloco de esquerda para o trabalho**, n. 10, nov/dez 2004.
- MARINA. Lúcia; RIGOLIN, Tercio Barbosa, **Geografia do Brasil e do Mundo**. v. Único. Col. Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2002.
- MEC/ SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Geografia. 1998.
- \_\_\_\_\_. **Nacionais Parâmetros Curriculares**. Temas Transversais. 1998.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. A área de ciências humanas e suas tecnologias, 1998
- PORTAL VIOLÊNCIA CONTRA MULHER – Dados e pesquisas. Disponível em:

Carmem Lúcia Costa

## A Presença e Ausência do Debate de Gênero na Geografia do Ensino Fundamental e Médio

<<http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/noticias.shtml>> acesso em 09 de julho de 2011.

PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. Presidência da República do Brasil. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1980.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Hucitec, 1985.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Sociedade**, v. 20, n.2, p.71-99, 1995.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2009.

SILVA, Magda Valéria da. **Geografia e Gênero: Uma abordagem no Ensino Médio Nas Escolas da Rede Pública em Catalão/Goiás**. 2003. (Monografia) – Universidade Federal de Goiás, Catalão. .

VESENTINI, Jose William. e VLACH, Vânia., **O espaço natural e a ação humana**, v.1. Col. Geografia Crítica. São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. **O espaço social e o espaço brasileiro**. v.2. Col. Geografia Crítica. São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. **Geografia do mundo subdesenvolvido**.v.3. Col. Geografia Crítica. São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. **Geografia do mundo industrializado**. v. 4 Col. Geografia Crítica. São Paulo: Ática, 2004.

Recebido em 06 de setembro de 2010.  
Aceito em 21 de abril de 2011.

Carmem Lúcia Costa